

DESCRIÇÃO DO VERBO *DAR* EM FRASES SEM SUJEITO PARA O PROCESSAMENTO AUTOMÁTICO DE LINGUAGEM NATURAL (PLN)

Aucione Smarsaro¹, Éric Laporte², Larissa Picoli³

¹UFES, Vitória, ES, 29069-230, Brasil

²UFES, Vitória, ES, 29069-230, Brasil

³UFES, Vitória, ES, 29072-100, Brasil

aucione@uol.com.br; eric.laporte@univ-paris-est.fr; larissa_picoli@hotmail.com

RESUMO

Este artigo tem como objetivo descrever o verbo *dar* em frases com estrutura *dar N₁ em N₂* do tipo, *Deu medo em João*, para elaboração de recurso linguístico. Aplicam-se às frases, em que *N₁* seja substantivo abstrato, testes sintáticos formais e observam-se quais estruturas admitem/exigem um complemento *N₂* obrigatório ou não. As propriedades sintático-semânticas representam as possibilidades de combinação dessa estrutura com outras, em contexto de uso. A descrição é feita a partir dos procedimentos de análise propostos pelo método do Léxico-Gramática, M. Gross (1975), que tem como meta o Processamento Automático de Linguagem Natural (PLN).

APRESENTAÇÃO DO TEMA

Há muitos estudos sobre verbo *DAR* que mostram sua produtividade em diversas estruturas, no entanto, há uma carência de estudos sobre esse verbo em frases sem sujeito.

Nesta pesquisa apresenta-se uma descrição sintático-semântica de construções formadas com verbo *dar* do tipo *dar N₁ em N₂* em frases elementares com *N₁* abstrato, por exemplo, *Deu problema no computador*, *Deu confusão na festa*, sendo *N₁* o complemento direto e o *N₂* o complemento indireto. Esse estudo pretende analisar os complementos do verbo *dar* e investigar se *N₂* pode ser considerado um complemento essencial ou complemento circunstancial da frase.

1 O PROBLEMA: O COMPLEMENTO *N₂* SER COMPLEMENTO ESSENCIAL OU COMPLEMENTO CIRCUNSTANCIAL

Nesta pesquisa percebeu-se que não é uma tarefa simples investigar se o complemento *N₂* em *dar N₁ em N₂* é complemento essencial ou complemento circunstancial. A gramática tradicional (GT) não apresenta de forma clara a distinção entre esses dois tipos de complementos: essencial e circunstancial. ^[1]CUNHA & CINTRA (2007) e ^[2]ROCHA LIMA (1994) usam a nomenclatura objeto para complemento essencial e adjunto para o complemento circunstancial, mas não discutem casos em que a diferença é tênue, como em *dar N₁ em N₂*.

^[3]Evanildo Bechara (2009, p. 413) afirma que “um termo argumental o é por motivação das características sintáticas e semânticas da relação predicativa, e não apenas pelo conteúdo designado”. Porém, essas propriedades semânticas do complemento essencial são vagas demais para poderem servir de critérios operatórios para

determinar a natureza de um determinado complemento.

Laporte afirma em sala de aula que um complemento obrigatório é sempre um argumento, como se pode observar em (1) e (2)

(1) *A carta está repleta de alusões*

(2) **A carta está repleta*

Em (2) percebemos que há necessidade de um complemento para *repleta*.

Um complemento facultativo, no entanto, pode ou não ser um argumento, como se pode observar em (3) e (4)

(3) *João nadou na água*

(4) *João nadou*

Embora tenha sido retirado o complemento *na água*, o exemplo (4) permaneceu aceitável. Para definir se esse complemento é essencial ou circunstancial é necessário aplicarmos critérios sintático-semânticos para decidirmos essa questão.

2. METODOLOGIA

Para a elaboração dessa pesquisa utilizamos o método do Léxico-Gramática desenvolvido pelo linguista ^[4]Maurice Gross (1975) que promove uma descrição minuciosa de propriedades de estruturas lexicais seguindo um empiricismo sistemático. Gross leva em conta o julgamento de aceitabilidade, no qual, podemos verificar, de acordo com a gramática e uso da língua, se uma frase é aceitável ou não para o tipo de estrutura que se está analisando. Marcamos as frases inaceitáveis com o sinal asterisco (*).

- (5) *Deu lucro na fábrica*
 (6) **Deu lucro ao lado da fábrica*

Apresentamos alguns exemplos com substantivos abstratos (N_1) seguidos de N_2 obrigatório ou não. Procuramos mostrar as propriedades da construção ilustrada em frases. Os exemplos representam as propriedades da construção no período. Por exemplo, a análise de

- (7) *Deu medo no avião*

não impede que a construção *dar medo em N_2* aceite substantivos humanos em N_2 como, por exemplo,

- (8) *Deu medo no rapaz*

Essas propriedades são investigadas por meio de testes formais. O teste não é necessariamente aplicado só no exemplo analisado, pode ser preciso construir outro exemplo, como *Deu medo no rapaz*, para se reconhecer as possibilidades de combinação dessa construção.

3 APLICANDO CRITÉRIOS PARA SE IDENTIFICAR O COMPLEMENTO N_2 NA CONSTRUÇÃO *DAR N_1 EM N_2 COMO ESSENCIAL OU CIRCUNSTANCIAL*

Considerando os exemplos

- (9) *Deu lucro na fábrica*
 (10) **Deu lucro ao lado da fábrica.*

No exemplo (9), aplicando-se o critério de substituição de *na fábrica* por um complemento nitidamente locativo, *ao lado da fábrica*, percebe-se a inaceitabilidade em (10) desse complemento locativo. Essa inaceitabilidade comprova que o N_2 *na fábrica* não pode ser um complemento circunstancial.

Outro critério para identificar se N_2 é complemento essencial ou complemento circunstancial é combinar esse complemento com outros verbos. Se muitos verbos aceitarem o mesmo complemento com as mesmas propriedades, trata-se de um complemento circunstancial, como se pode observar nos exemplos (11) (12) e (13)

- (11) *Choveu ao meio dia*
 (12) *Teve show ao meio dia*
 (13) *Apareceu turista ao meio dia*

Nos exemplos de (11) a (13) o complemento *ao meio dia* pode ser empregado em frases com outros verbos. Dessa forma, entende-se que *ao meio dia* seria um complemento circunstancial.

Para classificar N_2 em complemento essencial ou complemento circunstancial é preciso levar em conta que a distribuição de um complemento essencial pode depender do predicado, ao passo que a distribuição de um complemento circunstancial não, como nos exemplos a seguir

- (14) *João confia em Maria*
 (15) **João confia a Maria*
 (16) *João serve de refém*

- (17) **João serve de sinceridade*

No exemplo (14) o verbo *confiar* impõe a preposição *em*. E em (16) o verbo *servir* limita os tipos de substantivo complemento. Isso mostra que em (14) e (16) os complementos são essenciais.

Há complementos circunstanciais locativos, nos quais a preposição e os tipos de substantivos são os mesmos para quase qualquer verbo:

- (18) *João (falou + dormiu + acordou + tomou banho) (em um jardim + atrás da rua + ao lado da pracinha + dentro do carro)*

Marcam-se com sinal (+) as possibilidades de inserção dos termos na frase. Pode-se substituí-lo por *ou*.

Há verbos que exigem complemento obrigatório. No exemplo (19)

- (19) *Marina mora em Vitória,*

o complemento é exigido pelo verbo *morar* e, portanto, é essencial. Agora em

- (20) *Marina comprou a casa em Vitória,*

o complemento *em Vitória* não é um termo exigido pelo verbo *comprar*. Como ocorre com o verbo *morar* em (19). Nesse caso, trata-se complemento circunstancial locativo.

Um complemento pode ainda ser circunstancial, quando indicar posição de algo, objeto ou pessoa, em relação a um lugar. Quando se constrói uma frase formando estruturas como em (22), inserindo *e isso aconteceu* e a frase obtida é aceitável e conserva o mesmo sentido, verificamos que o N_2 *na festa* é um complemento circunstancial

- (21) *Deu confusão na festa*
 (22) *Deu confusão e isso aconteceu na festa*

Caso a transformação seja inaceitável, o N_2 é complemento essencial, conforme o exemplo (23).

- (23) *Deu asma no menino*
 (24) **Deu asma e isso aconteceu no menino*

Outro critério é transformar N_2 em sujeito,

- (25) *Deu defeito na máquina*
 (26) *A máquina deu defeito*

Quando um complemento pode assumir a posição de sujeito, isso indica que se trata de um complemento essencial, como se pode constatar em (26).

4 CONCLUSÃO

O método do Léxico-gramática orienta a comprovação das análises não pela intuição, mas por meio de critérios formais, o que garante maior confiabilidade dos resultados.

A aplicação de critérios formais permite a observação e descrição das propriedades sintático-semânticas em construções do tipo dar N_1 em N_2 , que comprovem o caráter essencial ou não do complemento N_2 . Com a aplicação de testes formais podemos afirmar que essa construção ocorre em frases em que o N_2 é um complemento essencial como, por exemplo, em *Deu febre no paciente*, e em casos em que N_2 é um complemento circunstancial como, por exemplo, em *Deu confusão na festa*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- [1] CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 4. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Lexikon, 2007.
- [2] LIMA, Rocha. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 32. ed. - Rio de Janeiro: J. Olympio, 1994.
- [3] BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37ª Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009, p. 413.
- [4] GROSS, Maurice. *Méthodes en syntaxe*, Paris: Hermann, 1975.
- [5] LAPORTE, Éric; ROCHA, Lúcia H. P da; SMARSARO, Aucione. Um recurso linguístico para o processamento automático de linguagem natural: descrição do verbo passar. In: CARMELINO, A. C. et al (org). *Questões linguísticas diferentes abordagens*. Vitória PPGEL/UFES, 2012 p.141-156.
- [6] _____; PACHECO, Wagner L. Descrição do verbo cortar para o processamento automático de linguagem natural. In: LAPORTE, Éric et al. *Dialogar é preciso*. Linguística para o processamento de línguas. Vitória PPGEL/UFES, 2013, p. 165-175.